



Os senhores que nos quiserem honrar com artigos e desenhos, terão a bondade de remettel-os em carta fechada, á redacção da SEMANA ILLUSTRADA no Imperial Instituto Artístico, largo de S. Francisco de Paula n. 16, onde tambem se assigna.

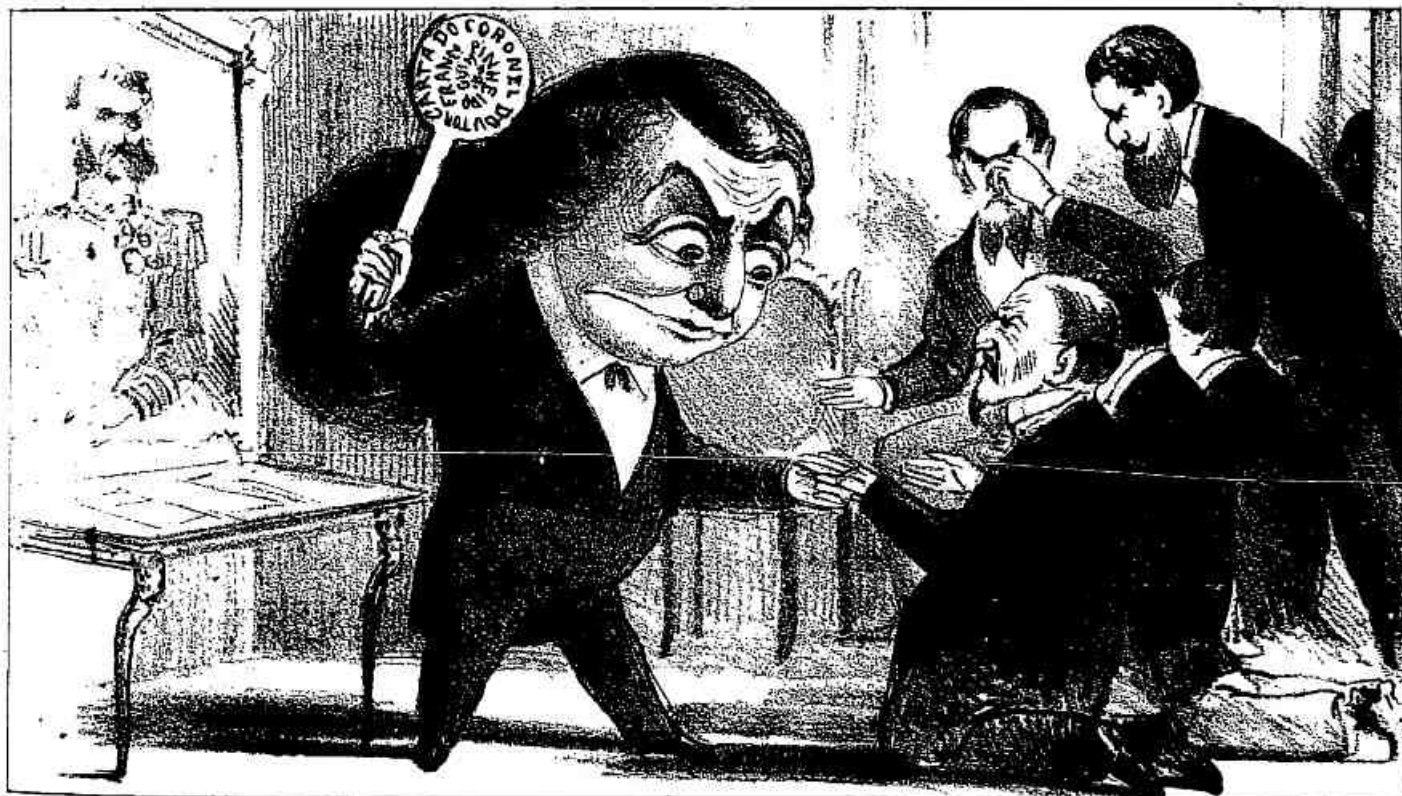
OITAVO ANNO.

N. 393.

PUBLICA-SE
TODOS OS DOMINGOS.

PREÇOS.

| CÓRTE. | PROVINCIA. |
|-----------------------|--------------------------|
| Trimestre. . . 5\$000 | Trimestre. . . . 6\$000 |
| Semestre . . 9\$000 | Semestre 11\$000 |
| Anno 16\$000 | Anno 18\$000 |
| Avulso 500 sr. | |



A carta do Coronel Dr. Francisco Pinheiro Guimarães e os agiotas.

SEMANA ILLUSTRADA.

Rio, 21 de Junho de 1868.

Memorias da semana.

Me voilà comtesse.

EM. AUGIER, *Casamento de Olympia*, act. 1.^o

Que é o nome? que importa o nome? A rosa, em outro paiz e com outro nome, tem sempre o mesmo perfume.

SHAKSPEARE, *Julietta e Romeo*.

Il n'y a rien qui plaise moins généralement que la plupart de nos plaisants.

CH. NODIER.

- Veja este painel; onde estou eu?
- Não o vejo.
- Estou por traz daquella arvore.

CONEGO FELLIPPE.

Larga o pinto que é das almas.

LOCUÇÃO POPULAR.

Sans la langue, en un mot....

BOILEAU, *Arte poetica*.

Ça, messieurs, c'est de l'atticisme.

LEON GOZLAN.

Dou os meus parabens ao Alcazar pela posse de uma condessa, — a condessa de Val Monca.

Eu já ouvira dizer que essa dama dava-se por condessa, mas cuidei, que não passasse de um gracejo — *histoire de rire*.

Enganava-me.

A cousa parece certa, visto que a supplicante appareceu no *Jornal do Commercio* e assignou um artigo com o nome e o titulo.

Temos portanto uma condessa no templo do *maestrino* Offenbach, e condessa tanto mais digna de admiração quanto que, longe de esconder o titulo, ostenta-o com toda a publicidade.

Se eu tivesse a fortuna de conhecer o conde de Val-Monca ia deixar-lhe em casa um bilhete de visita, não ousando fazer o mesmo á condessa por evitar a vista de uma fidalga, que é sempre difficil de supportar a sangue frio.

Tratando-se da senhora condessa não posso deixar de observar a petulancia com que lhe respondeu o Sr. Marquez de Carabas; estou certo que o Sr. conde de Val-Monca, homem de brios e espada á cinta, não deixará passar as offensas do nobre Marquez.

Nobreza obriga.

Tenho á vista um volume heraldico no qual se prova a toda a luz que a casa da Sra. condessa de Val-Monca remonta á mais alta antiguidade.

Já ella existia quando partio a primeira crusada para

Jerusalem, onde um dos seus avós, Rodolpho Enguerand de Val-Monca, matou e salgou de uma vez a cincuenta e cinco turcos.

Outro avô de S. Ex. foi companheiro de Henrique IV na tomada de Pariz; outro foi celebre no tempo de Carlos IX pela invenção dos fios d'ovos.

Não ha bastardias na longa familia da Sra. condessa, que é mais pura do que uma gota de chuva.

Quem quizer indagar estas cousas pelo miudo compre no Garnier a obra *Tableaux heraldiques de la Provence* por M. le Conte Max Sedlitz de Calembourg.

O conde e a condessa de Val-Monca são primos, donde se segue que o Sr. conde de Val-Monca não é crusado novo.

Madama Historia hade ver-se bem atrapalhada, quando quizer dar um nome ao Sr. barão de S. Lourenço, por quanto tem dous a escolha, e vem a ser:

1.^o Barão de Ferro.2.^o Barão das Anedoctas.

Bem que o segundo nome pareça o mais apropriado, contudo a vontade do orador é que seja adoptado o primeiro.

Citando o dito de lord Chatam relativo aos barões de ferro e os barões de ouro, disse o illustre senador que si lord Chatam viesse ao Brasil encontraria muitos barões de ouro; e não podendo suppor-se que S. Ex. queira incluir-se na classe aurifera, stigmatizada pelo primeiro Pitt, segue-se que está e se considera entre os ferreos barões.

Ou então não ha logica no mundo.

Ha uma terceira classe que não é de ouro, nem de ferro, mas de pão. Mas o distincto orador do senado não pode em caso nenhum pertencer a essa classe vegetal.

Se, porém, agrada ao senador ser tido por barão de Ferro, parece que a Historia deve levar em conta o voto popular que já designa por barão das Anedoctas o autor do manifesto da Bahia.

No senado mesmo a cousa está tão consagrada que os collegas de S. Ex. chegam a hesitar se lhe ouvem um discurso ou têm um folhinha recreativa. Dizem-me até que o Sr. Dantas (senador), ouvindo o penultimo discurso do illustre collega distrahiu-se e perguntou-lhe quantos erão do mez.

Os tachigraphos não apanharão o aparte, — erro funesto porque não se deve deixar cahir nada daquillo que diz o Sr. senador Dantas: é um dos oradores mais profundos do nosso parlamento.

Aqui peço licença para abrir um parenthesis.

O Sr. Dantas tinha outr'ora por costume fazer longos discursos a respeito do pontificado e dos concilios da igreja.

Era um trabalho incrível que dava ao presidente do

senado, o qual a cada instante estava a chamar o orador á ordem, o que era o mesmo que chamar á falla, porque elle continuava a fallar.

De maneira que o Sr. Dantas adquirio a reputação de antipapista, e veio a ser o nosso marquez de Boissy, com a differença de que o *teiró* do marquez era a Inglaterra e o do Sr. Dantas era o Vaticano.

Não creio que a França e o Brasil ganhassem com esses discursos mais do que algumas folhas de papel impressas . . . e pagas!

Felizmente, o Sr. Dantas, comprehendendo a situação melindrosa do pontificado resolveu calar-se, para não correr o risco de dar o derradeiro golpe no Vaticano.

Dizem que a legação pontificia não é extranha ao silencio do nobre senador, tendo o internuncio expedido uma violenta nota ao governo imperial, em 1865.

Outros affirmão que a legação italiana, afim de reservar a queda do papado ao general Garibaldi, pediu ao nobre senador que suspendesse o curso das suas idéas,—sendo apoiado nesse sentido por varios gabinetes da Europa.

Advirta o leitor que eu publico isto com todas as reservas e não me responsabilizo por nada.

O que é certo é que o senador antipapista poz termo ás preleções de historia ecclesiastica.

A eloquencia do Sr. barão de S. Lourenço consiste neste processo, *renouvelé de madame Penelope*; enfia anedoctas de noite em casa, e desfia-as de dia na tribuna.

A cousa ao principio fez impressão; e eu confesso que os primeiros discursos de S. Ex. erão de todo ponto engraçados.

Era um gosto ler o *Mercantil*. De quando em quando a rubrica *hilaridade* matisava a extensão do discurso do orador bahiano, o que dava ao povo uma boa idéa do Senado.

— Não ha perigo publico, dizião os leitores; o senado está alegre.

Mas tudo cança, mesmo a anedocta. Agora já a risada é mais difficil, o illustre orador conta muitas anedoctas que obtem o mesmo riso que obteria um defunto, e eu não conheço nada peor do que a posição de um homem que conta uma cousa para fazer rir e ninguem se ri.

Isto prova que o Sr barão de Lourenço está decadente, e deve mudar de plano, porque, afinal de contas, fazer de uma sessão do senado um serão de familia, pode agradar um mez ou dous, mas aborrece no fim do primeiro semestre.

No penultimo discurso esfalfou-se S. Ex. por provar que o voto de graças do senado é uma manifestação anti-ministerial, cousa que o Sr. Silveira da Motta com razão disse que era conego Fellipe escondido atraz da arvore: ninguem vê a manifestação.

Que fez o orador?

Leu o voto de graças, grifando as palavras da opposição, afim de mostrar o que havia dicto. Ora, vejão lá:

O patriotismo e a dedicação tem em todas as épocas arrostado e vencido as maiores difficuldades e perigos, quando sabem inspirar-se no sentimento nacional.

Cumprir caminhar com passo firme e vontade definida.

O senado marchará com a paternal solicitude de V. M. e amparado pelo paiz, do qual não se quer afastar, e escutando os deveres da nação brasileira.

O senado revendo a lei de eleições acceitará as modificações que lhe parecerem mais efficazes para garantir a liberdade do voto, um dos elementos cardeaes do regimen constitucional representativo; como tambem devem ser a justiça e imparcialidade dos governos em relação ao exercicio deste importante direito politico do cidadão.

A *Semana Illustrada* dá uma pensão a quem descobrir esse conego Fellipe que ninguem vê.

E' verdade que os microscopistas politicos são capazes de ver menifestação n'uma casaca azul ou n'um par de botas do Campas,—ou até n'uma preferencia de baile.

Por exemplo:

— Fulano dansou hontem com a filha do ministro do imperio: é claro que a deputação de Pernambuco acompanha o gabinete.

Ou então:

— O ministro da justica offereceo um charuto ao nosso amigo Sicrano.

— Que desaforo!

— E Sicrano acceitou.

— Que infamia!

Ha nesta corte alguem que se acha namorado por uma franceza. Não vi o namorado nem a namorada; mas concluo assim pela publicação continuada de versos francezes nos *a-pedido* do *Diario do Rio*, com a modesta assignatura de ***.

Ora, como eu não deixo de cortejar os conhecidos antigos, não pude deixar de tirar o chapéo á poesia que sahio no dia 11, e que, apesar das *** não pode negar que é toda inteirinha de Alexandre Dumas Filho.

Bem sei que cinco mil réis não fazem falta a quem possui milhoes, como o autor da *Dama das Camélias*, e antes tirar-lh'os a elle, que dous vintens a um pobre do Arco do Telles.

Mas, emfim, en não quero que o Dumas veja no Brasil uma Calabria, onde a sua bolsa litteraria fique exposta ás dextas mãos de todas as estrellas celestes ou typographicas.

O mesmo *Diario* a que me referi deo-nos uma grande novidade litteraria: Chateaubriand e Lamartine escreverão em hespanhol:

Lê-se n'um artigo publicado por aquella folha, e assignado por Luiz Ulbach, critico francez:

Um dia, quando se promovia a subscrição, Larmartine recebeu uma carta de um magistrado de provincia que, enviando-lhe uma offerta escreve:



Cartas da China.

VI

Houve função, outro dia
n'esta sabia academia
da que sou grande freguez ;
não sei se foi mero estudo,
ou se foi festa de estrudo
este concerto chinéz.

Vali-me de um bom empenho
para mandar-lhe o desenho.
Não repare nas roupagens ;
enfitei-os à européa ;
a coisa assim é mais feia,
mas desfarça os personagens.

Grande orchestra, forte orchestra,
composta de gente mestra
e de instrumentos de luz ;
e se tem certo defeito,
deve tirar-lh'o com geito
o professor que a conduz.

Esse defeito, que salta
a qualquer ouvido, é a falta
de o compasso e de harmonia ;
os instrumentos mais brandos
vão muito bem ; os desmaudos
provém da pancadaria.

Metteu-se o diabo no bumbo,
e, se esta peça de trombo,
será por isso, d'aboz ;
D. Paiz, que paiz e escuta,
muito espera da balota
do recente-professor.

O flautim, que estava d'antes
c'os instrumentos cantantes,
foi se pôr perto dos baixos ;
por força que desafina,
se a sua voz feminea
sobresahir à dos machos.

Mas essa feia maromba,
esse instrumento de arromba,
de onde, demonio, cahio ?
N'um lyceo de boa gente,
e n'uma orchestra decente,
coisa tal nunca se vio !

E esse damnado corneta,
que estende a sua trombeta,
como tromba d'elephante,
não sei eu porque não toca
Ponha a corneta na bocca,
faça ouvir o seu andante.

Mas quer saber, meu amigo,
porque desafinão . . . digo,
porque harmonia não tem ?
E' porque a pancadaria
quer da grande academia
reger a orchestra tambem.

« Não, senhor, não perderei vossos bens; ficarei em Milly e poderei repetir sem amargura.

« *Quanto dulces recuerdos hai em mi
Del hermoso lugar donde nasci.* »

Lamartine commoveu-se ternamente a essa leitura.

— Curiosa idéa, disse-me, a de citar meus proprios versos.

— Esses versos são de Chateaubriand, e não vossos, respondi.

— Sim?

Meus agradecimentos a Luiz Ulbach e ao *Diario do Rio*.

Esqueceu-me dizer ao Sr. barão de S. Lourenço que *conducta* no sentido de *procedimento*, não é palavra portugueza.

Aproveito a occasião para lembrar ao mesmo senador que se um francez pode dizer: *Jacques*, não o pode dizer quem falla o portuguez, pela razão de que aquillo que em Paris se chama *mouchoir* chamamos *lenço* no Rio de Janeiro.

Tambem lembro ao nobre senador que o ministro Rouher pode dizer na tribuna franceza: *Lucain*; um barão de S. Lourenço deve dizer *Lucano*.

São pequenas exigencias de lingua que eu recomendo ao illustre parlamentar.

Queria acabar com algumas linhas acerca da rua do Ouvidor, mas acho que é melhor esperar pelo desenlace,—salvo si foi sempre intenção calçar a cabeça da rua deixando o resto do antigo calçamento.

Ou não ha pedras?

Tem a palavra o Sr. Caldas para explicar.

Agora uma chave de ouro.

Tenho de occupar-me na semana seguinte com os estradissimos discursos que se proferem nas nossas camaras.

Entretanto, não resisto ao prazer de dizer aos leitores que se o nosso parlamento tem o prurido do fallatorio, ainda não chegamos ao grão de alguns paizes no que diz respeito á energia de linguagem.

Um amigo meu emprestou-me uma gazetta de Washington, onde li alguns discursos dos deputados do Congresso americano, Washburne (do Illinois) e Donnelly (Minnesota) os quaes deputados disseram entre si amabilidades de grosso calibre.

— A cousa chegou a tal ponto que o deputado Donnelly (Minnesota) no ultimo discurso proferio o seguinte:

E comtudo, se ha nesta camara uma alma baixa, vil, vulgar e sordida, uma intelligencia tapada ou mediocre, um coração enrugado e fechado a todos os bons sentimentos e a todas as emoções generosas, uma lingua maligna e leprosa, uma boca bestial exhalando venenos mortiferos; se ha nesta camara um individuo que mente, lisongea, rasteja, avilta-se, e zomba como uma mulher publica; se ha um demagogo atrevido, incapaz, estúpido e provocador, é o gentleman do Illinois!

Graças a Deus, não chegámos a este ponto.

DR. SEMANA.

Esquadra encouraçada.

CURUPAITY 29 DE MAIO DE 1868.

Meu caro Doutor.

Não penso com a maioria dos luminares da historia a respeito dos vencedores adoptarem os usos e os costumes dos vencidos e não entro desde já a desfiar as razões, em que me fundo para assim pensar, porque temo pôr-me ás cristas com os manes de Herodoto e de quantos embarçao magistralmente a tuba da magestosa Clio.

Um chronista pertence á grei dos historiadores. Quando mais não seja, é um sachristão, que ajuda as missas dos acontecimentos e não é de bom effeito ver o sachristão contrariar a vigarios, principalmente sabendo que elles são almas do outro mundo.

Lopez está vencido senão *in totum* ao menos *in partibus* e eu ainda não me contagi de nenhum de seus costumes.

Elle é perdido, tu sou leal; elle é cruel, eu sou manso qual *agnus dei*; elle é embusteiro, eu sou Epanimondas a valer; elle é satyro salaz, eu sou Xenocrates recatado.

Somos a antithese um do outro, pelo que não lhe dou os parabens, sujeitando-me a represalia, que felizmente não me hade chegar ao vivo.

Formo por tanto a excepção da regra estabelecida.

Ha contudo entre Chico Solano e Leva-arriba um mathematico ponto de contacto—a tenacidade—, n'aquelle tyranno traduzida em factos de cruza e no incognito chronista manifesta-la por actos de prestança em favor de tudo quanto é justo e honesto.

Ora, sendo tambem de justiça e de honestidade teimar no meu noticiario ao Dr. Semana, patriota de cabeça e de coração, não desisto do proposito de enviar-lhe missivas sobre a guerra. Hei de perseverar nas remessas até ver por terra a gigante Humaitá, unico sustentaculo do despota paraguayano.

Em quanto esse Sebastopol, esse Cronstadt do Japão, cuscudado aos taicuns Lopez, vomitar das ameias ferro e fogo contra as nossas forças, que d'elles zombão, a desafronta da honra brasileira não pôde julgar-se satisfeita e nem eu recolher-me ao silencio, de que sempre fui partidario; portanto palavra em acção por mais algum tempo e espada em punho usque *Delenda Humaitá* seja negocio consumado.

Raso e bem raso esse arrogante baluarte do despotismo, inutilisada assim a obstinação das poucas centenas de fanaticos, que o defendem, offendendo os interesses de sua civilisação, de seu futuro e progresso, concucados pela ambição desmeurada e sanguinaria do despota; reduzidos á impotencia os cem canhões, que ainda o ensoberbecem, a guerra acaba, ou modifica-se completamente. O imperio folgará e eu com elle, sem fazer cabedal das guerrilhas recovadas, que pouco ou nada significarão, uma vez que nossas fronteiras fiquem sufficientemente guarnecidas.

Os bombardeamentos, meu doutor, continuão de nossa parte com uma ou outra fraca resposta do inimigo.

Entretanto quiz elle, em uma occasião, pôr os mangas de fóra e alirou-nos como quem vinha com muita sede ao pote. As bombas, como já lhe disse ha tempos, acertarão-nos pelo lado da saude. Não sei se o mesmo succedeu aos nossos camaradas do exercito, acampados no Chaco. Creio, porém, não ter havido por lá perdas de vidas; houve alguns ferimentos, que ferão e vão sendo pagos com usura.

Bombardeá-se do Chaco para Humaitá que não é de graça e se quanto se me diz é exacto, aquella praça já não offerece grandes condições de segurança á paciente guarnição.

Falla-se no assalto geral por estes dias. Corre que elle será dado contra a opinião da maioria dos generaes alliados e de alguns dos nossos, que preferem o assedio ao accommetimento, embora seja novo cerco de Troia o que de tantas delongas resultar.

O que não padece duvida e sei de fonte segura, é que o bravo visconde de Inhauma e o denodado marquez de Caxias querem o assalto como ultimo acto do grandioso, mas ensanguentado drama, de que tem sido theatro os *esteros*, os *tuyus* e os matagões da herdada feitoria de Lopez.

Se fosse general tambem votava pelo assalto. Não o sendo, bem contra a minha vontade, mas podendo dar a minha opinião, declaro com toda a franqueza que desejo o prompto accesso ás trincheiras de Humaitá.

Sei que é commetimento arduo, obra de heroes, escalada olympica em fim, porque nossas forças, ao enfrentarem as muralhas inimigas, pagarão grande tributo de sangue á heroicidade; mas não é certo que o denodo dos soldados brasileiros é inexcedível? não é incontestavel que os nossos marinheiros, com o seu valente almirante á frente, os seus bravos commandantes e officiaes, dando-lhes exemplos de intrepidez, praticam prodigios de valor? E, com muito nobre orgulho o asseguro.

As batalhas, os combates, os recontros, tantos e tão gloriosos ganhos pela alliança, cabendo-nos sempre o maior quinhão de perigo; a passagem de Curupaity, os mil bombardeios, a derrota de torpedos, o des-

Prezo das correntes, o rechaço de abordagens e outros precedentes lumbrosos de nossa esquadra, promettem o melhor exito á arrojada empreza. Creio que accometeremos, em que pese aos partidarios do cerco. Os Palamedes, dextros nas taboas da contemporisação, não são menos amestrados no jogo das armas. Não de cumprir galhardamente seus deveres quando soar o clarim, rufarem os tambores e a trombeta do exterminio echoar os ultimos toques diante das ruinas da Jerichó paraguaya.

A divisão avançada continua a servir effizadamente.

Um pouco deteriorada pelos grossos projectis do Timbó, vae escarrecendo d'elles e dá em que entender aos guaranys, auxilliando com grande vantagem a occupação do Chaco.

Por toda parte falla-se da falta excessiva de alimentação em Humaitá e da quasi impossibilidade de alli entrar bocado, que preste.

Eu, porém, creio que a guarnição da praça, não podendo nutrir-se do cheiro das flôres, como succede a certos habitantes das margens do Ganges, nutre-se do cheiro do lodo e das podridões do rio Paraguay.

Com este pasto succulento vão vivendo os fanaticos defensores do tyranno; e o pobre Alen, colação de Iturburu, ainda resiste ás suggestões da amizade e ao desempenho de uma obra de caridade, como é a rendição da fortaleza nas difficeis circumstancias de manter-se.

Enfim avenha-se com a consciencia de soldado e de cidadão. Não o crimina nem o applaude por isso o

LEVA-ARRIBA.

Um processo monstro.

Não ha cousa mais curiosa do que um processo, que actualmente se está desenvolvendo entre um actor, chamado Lucien e o director do Alcazar Lyrico o Sr. Arnaud.

Os jornaes européos hão de receber noticia minha logo que acabar esta questão importantissima, que não trata de mais e de menos nada do que do *horriavel insulto*, que o Sr. Lucien declara ter recebido do Sr. Arnaud de tæl-o chamado: *miseravel*.

Não quero entrar n'uma questão de tanta importancia, porque o Sr. Lucien não é o simples actor Lucien, que se queixa, é porém uma das personagens, que elle já representou. Tomemos por exemplo o general Bim-Bum, (character que muito *naturalmente* foi por elle representado) e vejamos, que altura e que proporções toma uma expressão tal como o autor declara e o réo (Sr. Arnaud) nega de ter empregado. Um general, homem de uma posição elevada só pôde ser chamado assim quando elle merece esse epitheto. Por exemplo Napoleão I chamou a Grouchi miseravel, porque pensou que o tinha trahido, e o marechal Blücher depois da batalha de Waterloo achou-se em um estado miseravel, porque o tal dia foi quente e elle soffreu muito de sede.

Estes miseraveis não são aquelles do Victor Hugo, mas uma pessoa pôde ser miseravel sem ser offendida. Por exemplo, como vae de saude? miseravel, esta tosse não quer acabar.—Como estão as suas finanças? miseraveis, porque devo a torto e a direito. Não quero aqui analogia ao Sr. Lucien, que por certo é *an honorable man*, mas declaro, que acho tão ridicula a queixa, que se fosse juiz, mandava qualquer outra pessoa queixosa sob motivos identicos, *plantar batatas*.

X.

LUNETTA MAGICA.

Escripto para a — Semana Illustrada — pelo

DR. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO.

PRIMEIRA PARTE.

Visão do mal.

XIX.

Em outra occasião, passando pela rua dos *Barbonos*, parei diante de uma casa consagrada ao mais piedoso e santo myster, e vi armado em sua parede aquelle apparelho movediço que se chama — *roda dos engeitados*.

Ora pois! disse a mim mesmo; aqui é impossivel que eu descubra o mal; porque neste caso o mal está somente na mãe, ou na familia cruel, que engeita o recém-nascido; mas no seio que se abre para recebê-lo, salvá-lo, adoptá-lo não pode estar senão o bem, a caridade, a santidade.

E fitei a minha luneta na roda por mais de tres minutos: quem o diria? . . . a *roda* da piedade bem depressa pareceo-me antes protectora do vicio e da demoralisação, do que providencia salvadora innocentes criancinhas condemnadas: essa *roda* affigurou-se-me leito ruim de falsa caridade, porta do abandono, da perdição, talvez algumas vezes do captivo dos miseros engeitados: li no berço dessa roda cem lugubres historias, e recuando espantado, preferi a myopia á *visão do mal*, e cheguei a pensar que para muitos dos engeitados e para a sociedade fôra melhor a sepultura, do que a *roda*.

Eretirei-me, meditando, refletindo sobre o que acabava de vêr.

Fique de parte a questão moral, social da conveniencia de taes estabelecimentos de caridade.

Que faz a *roda* ao engeitado? se pode, livra-o da morte; mas depois condemna-lhe a vida: era talvez preferivel deixá-lo morrer.

Ser ou não ser: se a instituição é de caridade seja-o plenamente, não se desnature, recorrendo a meios que em regra geral são fataes aos engeitados: se não pode sel-o plenamente, não cumpre o seu fim.

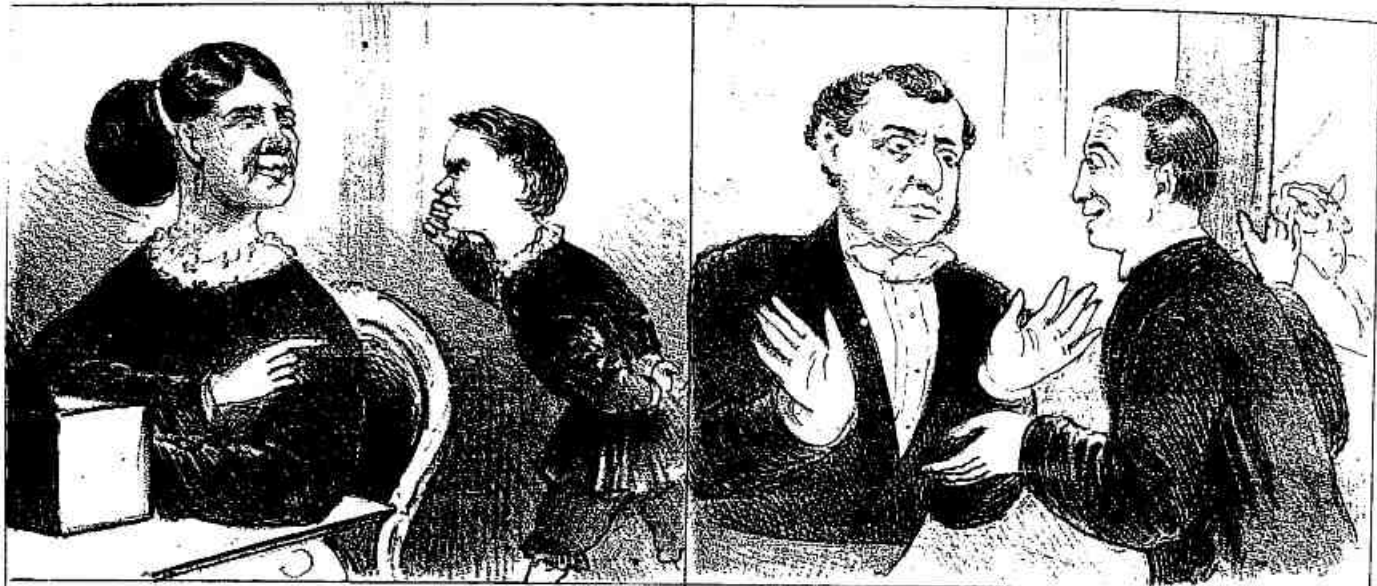
Que faz a *roda*? recebe o engeitado, e depois engeita-o por sua vez. A verdadeira caridade não engeitava.

A *roda* que faz? dá os engeitados a criar, a quem os vem pedir e os leva á dez, a vinte, á cincoenta e mais legoas de distancia, e fica muito contente de si, porque paga a criação do engeitado por dous terços menos, do que de ordinario custa o aluguel de uma ama.

E por esse preço insufficientissimo criar engeitados é negocio que se explora!

Que fortuna espera ao engeitado que a *roda* assim por sua vez *engeita*? faz tremêr pensá-lo.

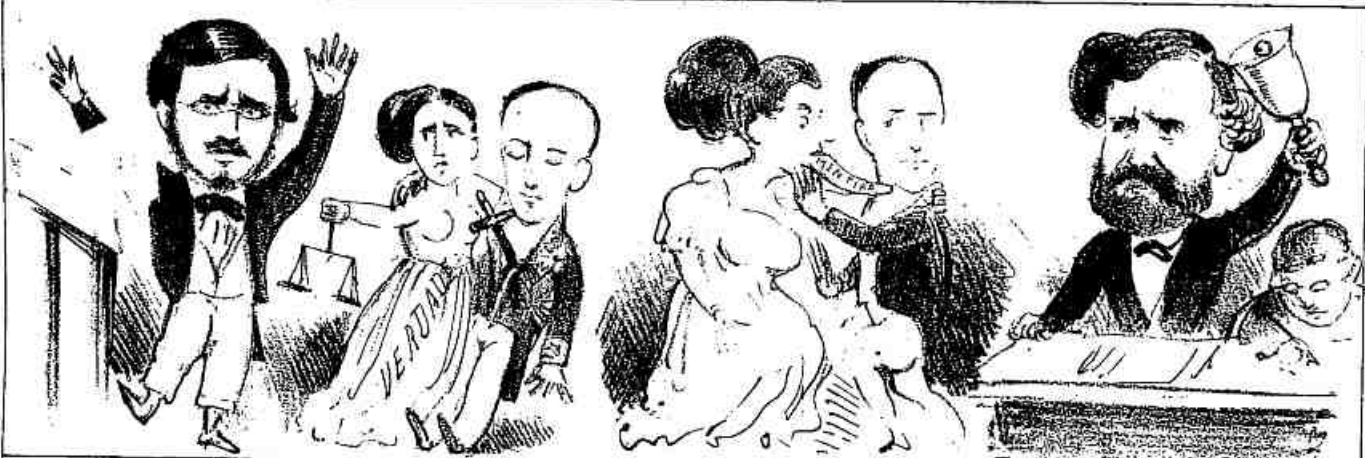
O mizero innocente é feliz, se acha seios de mulher em que se aleite, e se fica apenas analphabeto e sem educação: a sociedade é que não pode espera ser felicitada por semelhante *engeitado da roda*. (Continua.)



PEDIDO E RECOMPENSA.

— Joãosinho, vá buscar o meo dedal que eu te dou um beijo.
 — Um beijo? Então não vou buscar, não! . . .

— Francamente, doutor, como acha minha mulher? está mal?
 — Meu amigo, francamente, sinto muito dizer-lh'o, mas é melhor que se prepare para o golpe fatal . . . tenho bem poucas esperanças!
 — Obrigado, doutor, muito obrigado!



Tudo conspira para plantar o panico nos animos.

O ministerio (disse o Z.) morreria com a verdade.

Não pode morrer com a verdade, quem vive affectado da mentira.

O Sr. presidente diz que a palavra *mentira* não é parlamentar.



Repete que vivia da mentira. (Outra reclamação do Sr. presidente).

Tratando agora dos negocios do Amazonas . . .

A politica que se abriga á sombra da corôa.

O ministerio morreu e foi resuscitado pelo senado.

O governo é de *palmatoria* (para o orador) etc., etc.

UM DISCURSO PARLAMENTAR.